

Memória e Concepção do Modelo

Conceitos

Anos Iniciais
Ensino Fundamental



Realização

INSTITUTO DE CORRESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO

PRESIDENTE

Marcos Antônio Magalhães

EQUIPE DE DIREÇÃO

Alberto Chinen

Juliana Zimmerman

Thereza Barreto

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Organização: Thereza Barreto

Coordenação: Amalia Ferreira

Supervisão de Conteúdo: Thereza Barreto

Redação: Elizane Mecena, Maria Helena Braga, Renata Campos e Thereza Barreto

Leitura crítica: Alberto Chinen, Amalia Ferreira e Elizane Mecena

Edição de texto: Korá Design

Revisão ortográfica: Palavra Pronta

Projeto Gráfico e Diagramação: Korá Design

INSTITUTO DE CORRESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO

JCPM Trade Center

Av. Engenheiro Antônio de Góes, 60 - Pina | Sala 1702

CEP: 51010-000 | Recife, PE

Tel: +55 81 3327 8582

www.icebrasil.org.br

icebrasil@icebrasil.org.br

2ª Edição | 2019

© Copyright 2018 - Instituto de Corresponsabilidade pela Educação. "Todos os direitos reservados"





Olá, Educador!

Esse é o **Caderno Memória e Concepção – Conceitos do Modelo da Escola da Escolha** e nele apresentamos um conjunto de conceitos aplicados como referência na construção do marco conceitual e filosófico do Modelo da Escola da Escolha.

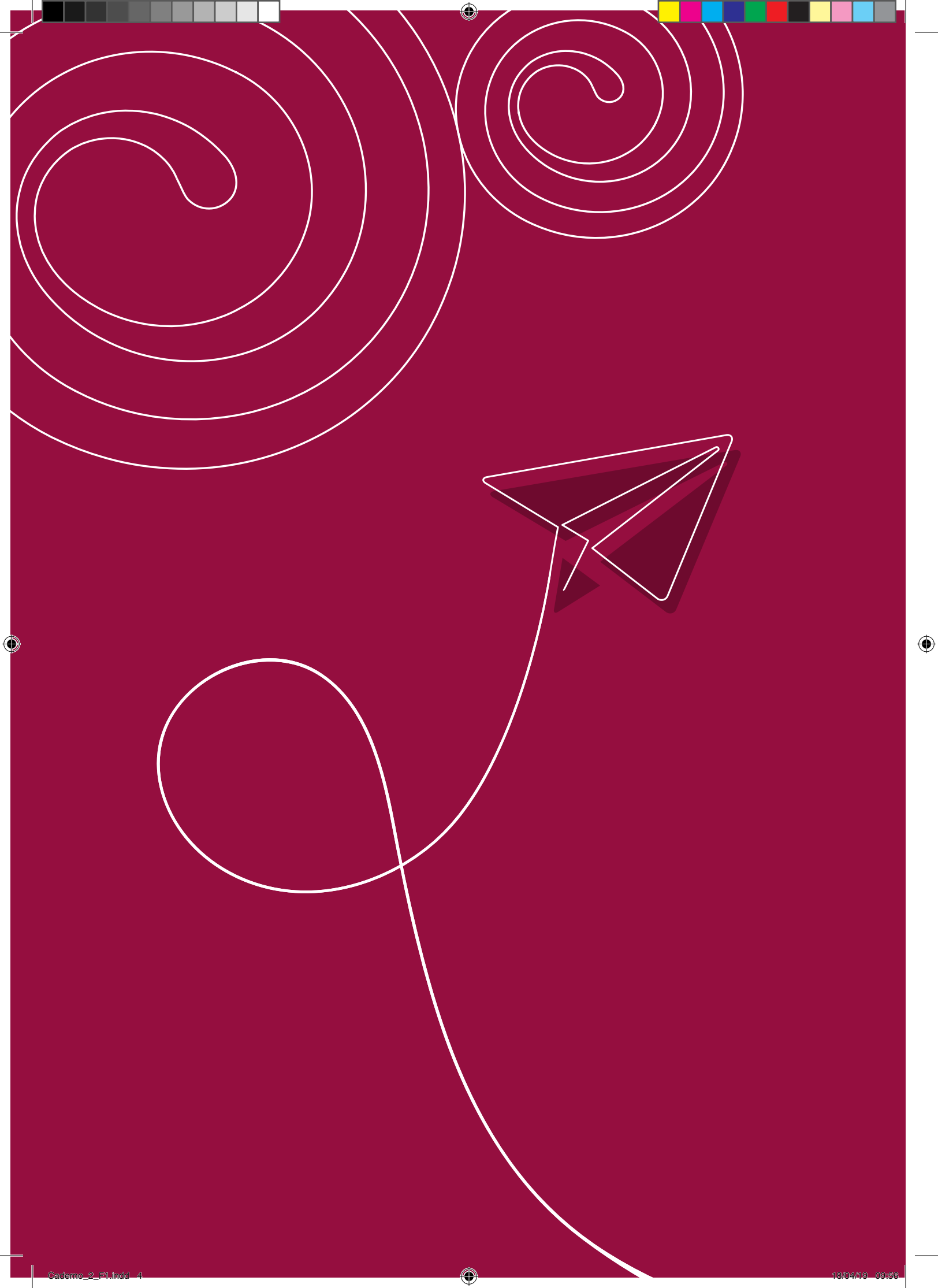
Os temas abordados neste Caderno são:

- Infância
- Sociedade
- Escola e Currículo
- Educação

Desejamos que você realize bons estudos e desenvolva excelentes práticas.

Instituto de Corresponsabilidade pela Educação







A parte que vem antes

O Modelo da Escola da Escolha tem como referência conceitos fundamentais para amparar o seu arcabouço conceitual e filosóficos. Estes conceitos foram eleitos por estarem profundamente alinhados à grande missão de formar, desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, a criança que se tornará um jovem capaz de projetar e realizar uma visão de si próprio no futuro e de realizá-la.

Neste Caderno apresentamos os Conceitos inicialmente considerados na concepção do Modelo, aqui integrados a um entendimento reconhecido como fundamental na perspectiva dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, qual seja, o da Infância.



Infância



Abordaremos aqui o conceito de **infância** nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Porém, cabe antes uma reflexão sócio-histórica em busca da construção da identidade de estudante.



Identidade e Natureza dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

SOBRE SER CRIANÇA E VIVER A INFÂNCIA

A dinâmica organizadora da sociedade se faz a cada tempo de acordo com as forças culturais, ideológicas, políticas e econômicas que a movimentam. Assim, o conceito de infância hegemonicamente colocado é uma construção histórica localizado na cultura ocidental e datado da passagem do século XIX para o XX. Neste contexto, as crianças, assim como as mulheres – sobre cuja maioria cabia e ainda cabe boa parte da responsabilidade da sua criação e educação – foram tidas e tratadas como seres de “segunda classe” que não mereciam atenção diferenciada. O direito da criança vivenciar a infância é algo que pode ser considerado novo e, por isso, a forma como se valoriza o “ser criança” pode ser lida dos modos mais diversos de acordo com a época da qual se fala.

A concepção de infância aqui é tida como tempo social, construído como processo de relações sociais que englobam a conjuntura da vida de um ser humano de qualquer grupo social, cultural, hierárquico ou classe social. A criança age no mundo de acordo com as concepções de infância que este lhe apresenta. Nesta perspectiva, cabe-nos dizer que não se trata da ideia de infância, mas de “infâncias”, ao contrário das formas de representação social que a veem como um período igualmente vivido por toda criança. Essa visão de uma única infância é contrária àquela na qual fundamenta-se o Modelo, porque a consideramos como sendo **um conjunto de vivências sociais marcadas por tempo e lugar nos quais a criança se desenvolve.**

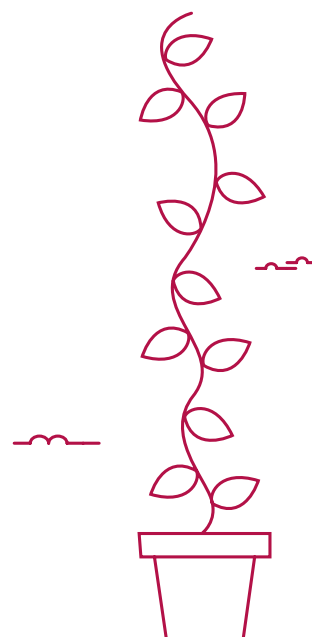
Na história do desenvolvimento humano, bem como da cultura, foi preciso entender e aprender que o tempo do corpo (o ser criança) necessita ser compreendido no tempo social em que se vive (a infância). Assim, crescer pode ser considerado como um processo longo e exigente, que vai solicitar das crianças muito trabalho a ser mediado pelas formas e recursos com os quais lhes é possível vivenciar sua infância e que termina por carregar seus dias de sentidos a serem descobertos por aqueles com quem elas se relacionam, ou seja, os adultos.



Compreender como se dá a construção das infâncias e, conseqüentemente, da criança no espaço escolar, pede que observemos como a representação social, tanto das infâncias como da criança, contribui para a formação da identidade de aluno. A identidade de aluno é chancelada a todos aqueles que adentram os processos formais de escolarização via, na nossa época atual, entrada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A obrigatoriedade que as crianças têm de viver parte da sua infância na escola, como pede nossa cultura, é uma evidência da relação entre o ser criança e vivenciar a infância, ainda que em parte, no espaço escolar, estar na escola é uma importante forma de acessar os conhecimentos acumulados pela humanidade.

Para conhecer cada criança e suas vivências torna-se necessário investigar e pesquisar quem são estes sujeitos que chegam a esse lugar chamado escola. Para tanto, é fundamental que os educadores construam convicções sobre quem é esta criança e como ela vivencia sua infância, bem como discutir questões como:

- O que é ser criança nesse determinado lugar, ou seja, como é vivida a experiência das infâncias em um determinado lugar?
- Que lugar a criança ocupa para sua família e, também, para a sua escola?
- Quais são os rituais locais, ou não, por meio dos quais as crianças vivenciam socialmente sua infância: São realizadas as festas de aniversário? Elas passeiam com os adultos? Para onde? Com que frequência? Elas visitam outras crianças? Onde brincam? Com o quê brincam? Como brincam?
- Quais são os elementos que definem a experiência da infância desse lugar: Elas precisam cuidar de irmãos menores? Há liberdade para brincar na rua? Elas têm uma agenda de compromissos semelhantes a de um adulto?
- Elas vivenciam ambientes prioritariamente adultos? Que visão as crianças têm de sua condição e da condição de sua infância? Como as crianças e a infância são pensadas pelos adultos que as circundam? Com quais fios são tecidas as tramas das relações entre as crianças e, destas, com os adultos em casa, na comunidade e na escola?





Como adultos, a Equipe Escolar deve estar a serviço do desenvolvimento das crianças, buscando as respostas às questões acima e a outras que se apresentarem. A Equipe Escolar deve possibilitar a compreensão e a promoção do pleno desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões.

Na Escola da Escolha todo ser humano tem um potencial a desenvolver, considerando sempre suas circunstâncias e as oportunidades a que for submetido, conforme apresentado no **Caderno de Formação - Princípios Educativos**. Nesse sentido, a Equipe Escolar tem papel fundamental no desenvolvimento integral da criança, do adolescente e do jovem na escola. O modo como os educadores veem, sentem e cuidam de cada um dos estudantes é fator contribuinte para o sucesso escolar. Esta consideração, do ponto de vista da diversidade, é aprofundada no **Caderno de Formação - Educação Inclusiva**.

Responder as questões que apresentamos, possibilitará a reflexão sobre que valor tem a criança para seus grupos familiar e escolar, revelando se há, ou não, caminhos para a vivência de uma infância protagonista, considerando aqui a visão da criança, do adolescente e do jovem como protagonista e o trabalho com as práticas e vivências que possibilitam seu desenvolvimento como potencial. Para isso, é fundamental que a Equipe Escolar entenda como as crianças com deficiência foram, ao longo da história da humanidade, excluídas de todos os processos de tomada de decisão, fato que se vem buscando alterar ao longo das últimas décadas. Para uma reflexão mais apurada sobre como criar espaços de práticas e vivências em protagonismo para todos na escola, é importante compreender quem são as pessoas com deficiência na atualidade. Essa reflexão está presente nos conceitos trabalhados no **Caderno de Formação - Educação Inclusiva**.

Ainda sobre os produtos advindos destas revelações é importante que a Equipe Escolar possa construir, a partir do olhar das crianças, caminhos para compreender a forma como elas enxergam o seu mundo, como são vistas por seus amigos, professores e demais pessoas com as quais convivem na escola.

Compreender o universo infantil a partir desta perspectiva é essencial para que a vivência interdimensional da infância e a construção de tempos e espaços de protagonismo, presentes no Projeto Escolar, se efetivem por meio das metodologias e práticas educativas que neste Modelo se põem a serviço da formação da criança.

Tais questionamentos — internos à Equipe Escolar e desta em sua relação com as famílias das crianças (específicas e reais) — conectam-se à produção de sentidos e de percepção do ser criança e do viver a infância e, desta forma, alcançam as possibilidades de conhecer e apreender o mundo dentro e fora do espaço escolar. Isso possibilita à Equipe Escolar refletir sobre o modo como se deve educar para a promoção de uma aprendizagem protagonista.





Ao responder estes questionamentos, a Equipe Escolar aproxima os seus profissionais da **identidade das crianças como seres aprendentes**, em cada nova escola que se forma, ano a ano. Estas e outras questões contribuem para que os adultos que convivem com as crianças no espaço e na dinâmica escolar tenham de forma dinâmica — e de forma não conclusiva — o que é ser criança e viver a infância num determinado tempo e lugar.

As concepções que fazem da infância e do *ser criança* algo universal e que terminam muitas vezes por tratá-la como um ser subordinado ao adulto podem ser rompidas pelas histórias carregadas de sentido que elas trazem para o cotidiano do fazer escolar. Aqui nos referimos à subordinação como impedimento a viver a infância e a sua própria trajetória escolar de maneira a considerar o seu ponto de vista, a sua história, etc. Nesse sentido, uma subordinação fundamentada numa posição manifestada por pura obediência inquestionada e irrefletida não contribuirá para o desenvolvimento do desejado protagonismo.

As histórias e os seus discursos trazidos para o cotidiano escolar devem ser ouvidos, compreendidos, analisados e sistematizados pela Equipe Escolar para mais uma vez, à luz dos recursos teóricos e metodológicos presentes no Modelo da Escola da Escolha, serem consideradas na efetivação do Projeto Escolar em suas práticas cotidianas.

SOBRE SER CRIANÇA E SER ALUNO

As crianças são sujeitos diferentes dos adultos e transitam pelo mundo com sua forma própria de ser. Atualmente não são poucos os estudiosos que dedicam tempo para compreender discursos e práticas que conferem significado na transição entre o tempo e o espaço da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Essa transição representa um caminho no qual a identidade do *ser aluno* está em pleno processo de produção, uma vez que na atualidade a escolarização da infância no contexto brasileiro se inicia com a entrada da criança no Ensino Fundamental.

Por diversos motivos, nem sempre o processo de passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental é conduzido considerando quem são as crianças. Tal cuidado se faz necessário se considerarmos que as práticas educacionais das duas etapas — ainda não articuladas como um lugar de encontro pedagógico em torno do mesmo sujeito — se configuram de forma distinta nos dois ambientes educacionais, tendo em vista que a criança egressa da Educação Infantil ao iniciar o Ensino Fundamental. Nesta nova etapa, ela encontrará um novo universo de práticas onde o uso do tempo e dos espaços se diferenciam e ocupam um importante papel no seu cotidiano e na produção de **sua nova identidade**: a identidade de aluno.

Nesta etapa, nos referimos ao conceito de **“aluno”** por ser esse o termo usualmente trabalhado pela **forma escolar** e porque, aqui, iniciamos uma reflexão sócio-histórica em busca da construção da identidade de estudante.





ALUNO(A) 1. Aquele que foi criado e educado por alguém, por mestre ou preceptor; **educando 2.** Indivíduo que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino ou não; **discípulo, estudante, escolar 3.** Pessoa de parco saber em determinada matéria, ciência ou arte e que precisa de orientação e ensino; aprendiz **4. Membro de comunidade, corporação etc. 5.** Indivíduo natural de determinado local (país, região etc.);

Houaiss, A. et al. 2007

Em se tratando de processos de escolarização, criança e infância encontram-se no sujeito que chega à escola. Na curta transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, a criança aprende a transformar suas atividades em repertório para as novas interações que o espaço escolar lhe solicita, sobretudo pelas experiências sociais. A vivência da infância começa a ser atravessada pelos elementos da “forma escolar”.

Os novos elementos da escola formal e dos processos de escolarização são interpretados pela criança e apropriados em um movimento que nem sempre é reconhecido pelos adultos como “adequado”. Já a perspectiva socioantropológica, que trata da “forma escolar”, fará a criança buscar uma continuidade no ritmo e liberdade que tinha na Educação Infantil.

A criança reconfigura o ato de brincar de maneira reiterada, usando a imaginação para criar novas relações com os objetos que a rodeiam no espaço da sala de aula. Gradativamente, no espaço escolar, a criança ganha uma nova “forma” de ser que a colocará na posição de aluno. Enquanto “forma escolar”, homogeneidade e simultaneidade irão impor uma conduta de ser à criança, aspecto a ser aprofundado ao longo deste texto.

Ainda que na atualidade muitas escolas de Educação Infantil busquem imprimir um ritmo de escolarização às crianças, a presença de práticas de letramento e as brincadeiras são diferentemente valoradas no espaço da Educação Infantil e no Ensino Fundamental. A passagem da Educação Infantil (com a rotina pedagógica estruturada mais em torno da brincadeira) para a escola de Ensino Fundamental (estruturado mais nas práticas de escrita e de letramento e marcado pela “necessidade” de um maior controle corporal) evidencia certa tensão entre esses dois níveis de ensino ao instalar um “hiato” entre as duas formas de vivenciar a dinâmica escolar, o que trará às crianças um novo conjunto de experiências sociais a serem vivenciadas no tempo e no espaço escolar. Tais experiências, suas mediações e o modo como estas lhes forem apresentadas – e pelas crianças vivenciadas – somadas aos conteúdos que familiares e amigos dizem sobre o que é a





escola, comporão o repertório para a formação da identidade de “aluno”, agora iniciada, para ser vivida por todo seu processo de **escolarização**¹. Pais, responsáveis e educadores, juntamente com a criança, terão a escola como um de seus espaços de socialização e a interrelação de todos esses sujeitos ocupará papel fundamental na produção da identidade de “aluno” da criança.

O estar na escola também sofrerá influência e influenciará a forma de se estar no mundo, uma vez que a escola oferece uma importante contribuição à produção da identidade dos sujeitos; a experiência vivida na “forma escolar” será contributiva para a organização afetiva, intelectual e social da criança na vivência de sua infância e das etapas posteriores a esta.

Manter-se criança, ao mesmo tempo integrando-a às obrigações discentes, torna-se um desafio cotidiano a ser vivido nesta nova fase da vida.

No início do processo de escolarização formal (via de regra nos primeiros 2 anos do Ensino Fundamental) a nova escola – ainda que no mesmo prédio da escola de Educação Infantil – manterá fortes marcadores da presença do *ser criança* (tipo de ornamentação da sala, entre outros aspectos). Conforme a criança vai “crescendo”, estes marcadores vão desaparecendo enquanto a forma como o pequeno “aluno” se vê, lê e atua no universo escolar vai consolidando sua identidade de aluno, dia a dia.

Para a criança, a distinção entre a escola de Educação Infantil e a de Ensino Fundamental se dá por elementos que evidenciam aproximação e distanciamento dos modos de vivência da infância no ambiente escolar. Um exemplo ilustrativo se dá pela percepção do tamanho da escola. Em geral, as crianças representam a escola de Ensino Fundamental como grande e a escola de Educação Infantil como pequena; na escola de Educação Infantil havia parquinho e na escola de Ensino Fundamental há a quadra, sendo esse um equipamento escolar reservado às crianças maiores, mais velhas que aquelas que adentram ao Ensino Fundamental.



¹ O objeto deste texto é aprofundar as possíveis qualificações ou desqualificações, que a identidade de aluno pode receber no âmbito escolar, familiar ou comunitário, e não tratar essa “fabricação” como algo definitivo. Mais que nunca sabemos que a identidade, na era pós-moderna, é mutável. A reflexão aqui tratada perpassa como a ordem dos discursos, bem como a organização dos dispositivos escolares forjam dia a dia a identidade de ser e de fazer aluno na grande maioria de nossas escolas de Ensino Fundamental.





Forma escolar é um conceito surgido no final dos anos 1970, na França, em trabalhos conduzidos a partir de uma perspectiva sócio-histórica, que objetivava compreender como determinado projeto político-pedagógico se estruturava na Idade Moderna, rescindindo com uma concepção de educação de fundamento teleológico. Ela é compreendida como uma configuração sócio-histórica particular que se constrói a partir do século XVI, nas sociedades europeias, ligada a uma reorganização do campo político e religioso, à instauração de uma ordem urbana que exigia o estabelecimento de novas formas de relação social entre sujeitos de diferentes grupos sociais, a aprendizagem de formas de exercício do poder (Vincent, Lahire e Thin, 1994).

Essa organização escolar se estrutura, em especial, pelo espaço escolar e pelo tempo escolar marcados pela linguagem, pela cultura do escrito, que começava a se tomar espaço em detrimento da oralidade. A escola passa a ocupar um lugar próprio, diferente daquele ocupado para a realização de outras práticas sociais como as familiares, as religiosas e se estrutura em torno de um projeto

pedagógico (e político) sustentado pela existência de saberes objetivados, que alteram os processos de transmissão do saber, da divisão do trabalho.

A forma escolar institucionaliza a transmissão de conhecimentos organizado em conteúdos, currículos, disciplinas, métodos, materiais, produzindo um saber-fazer próprio. A escola é organizada por classes de alunos com o mesmo nível de conhecimentos e competências, com avaliações regulares, visando a inclusão de toda população num certo tipo de sociedade. Um professor ensinando as mesmas coisas, ao mesmo tempo, para a mesma classe, com definição de horários, verificação de frequência, pontualidade e assiduidade; demarcação de etapas, divisão das classes, das séries e dos anos de escolarização.

Nesse processo, transforma-se a criança, o aprendiz, em aluno, ou seja, constitui-se uma posição de sujeito: a do sujeito urbano escolarizado; bem como a de sua contraparte necessária, a de sujeito professor, que ensina, através de um sistema de regras relativas a saberes e a comportamentos (Vincent, Lahire e Thin, 1994).



PARA SABER MAIS:

BOTO, C. **A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito.** In: Cad. Cedes, v. 23, n. 61. Campinas, dez, 2003, 378-397. Disponível em : <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em 19/5/2016

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. **Sobre a história e a teoria da forma escolar.** In: Educação em Revista. Fonte: adaptado de <http://www.labeurb.unicamp.br/encici/index.php?r=verbete/view&id=130> Acessado em 15/09/2017.



Na escola que conhecemos historicamente constituída, a construção do sujeito-aluno se dá de modo constante. As interações vividas nos espaços escolares influenciam a imagem que cada aluno constrói de si mesmo e que, cunhada cotidianamente e operada pelos elementos da homogeneidade e da simultaneidade, terminará por formatar a identidade do aluno, ainda que não tomemos a identidade como um atributo definitivo de cada sujeito, mas sim como uma produção social.

Considerando nesta reflexão que o brincar é um jogo mediado pelas relações da criança com o mundo, e que os jogos escolares que as crianças conhecerão são mais estruturados pelos adultos, temos que: se no espaço da “escolinha” o brincar era mais espontâneo, na dinâmica da escola de Ensino Fundamental – um espaço privilegiado de descobertas da criança – passa a ser muito mais regulado pelo comando do adulto, e vai sendo, pouco a pouco, substituído pelo “jogo com regras”, na maioria das vezes definidas pelos adultos. O jogo com regras aprendido com os adultos representa papel importante no desenvolvimento, desde que não seja exclusivo. A criança quer aprender os jogos dos adultos; cognitivamente passam a ter essa possibilidade e socialmente passam a se inserir no mundo mais “adulto”. Aqui há que se cuidar para assegurar o equilíbrio, no espaço da escola, entre a brincadeira espontânea e o jogo de regra.

A substituição da brincadeira pelo jogo atende, entre outros aspectos, ao ditame pedagógico de “não se perder tempo” na jornada escolar. A brincadeira espontânea, livre (que tem regras próprias da criança) passa a ser restrita aos momentos autorizados pelos adultos, por exemplo o recreio. Num processo de ver e tratar a criança como um “adulto em miniatura”, o uso dos espaços de brincar – como a própria brincadeira – passa, muitas vezes, a ocupar o lugar de “moeda de troca” a ser utilizada na relação do comportamento “versus” expectativa de aprendizagem.

O lugar do corpo, a linguagem que a criança usa pelo corpo para se expressar além das palavras, seu uso e movimento, levado ao extremo, revela que a busca por ver a criança de forma interdimensional vai sendo, gradativamente, distanciada num processo de individualização escolar: o corpo precisa aprender a responder a uma “ordem escolar”.

A movimentação corporal também pede certa autorização do adulto para acontecer dentro do conjunto de regras. É importante, no entanto, evidenciar que as regras são necessárias em um espaço de convivência e que é preciso que as crianças aprendam isso com os adultos. Na perspectiva da escola de Ensino Fundamental onde todas as crianças devam fazer, por exemplo, a mesma tarefa ao mesmo tempo, o uso do corpo espontâneo, não poucas vezes, vai forjando outras identidades, como a do bagunceiro, a do bom aluno e a do mau aluno. Estas identidades, com frequência, irrompem nos momentos de resistência ou de dominação que as crianças vivem entre si ou com os adultos – situação que muitas vezes se revela quando a movimentação corporal é exclusivamente determinada pelo adulto, gerando situações em que as necessidades corporais não são atendidas.



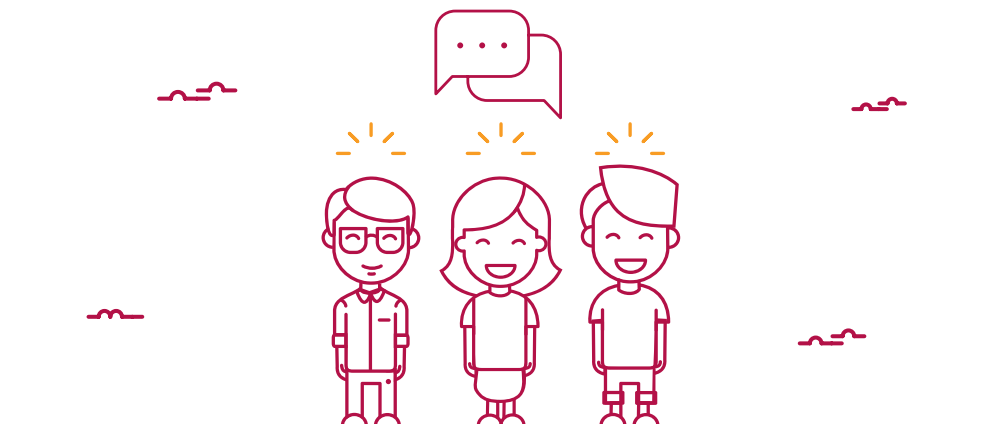


A convivência também segue novas orientações como as definições do lugar simbólico e físico-geográfico que a cada criança é permitido ocupar na sala de aula; o lugar da professora na sala; o que se fazer no lugar da escola e no espaço fora desta; o modo como andar na sala de aula e nos espaços da escola – geralmente com expectativa de extrema disciplina e bom controle de tônus muscular. As relações postas entre as crianças e seus respectivos pares (sejam maiores ou menores), imprimem os ritmos e o modo de convivência no espaço escolar.

No processo de adaptação ao Ensino Fundamental a criança passa a lidar com repertórios permeados por novos significados do acesso ao conhecimento como, por exemplo, o fato de que cada criança tem que fazer sua tarefa sem poder olhar a tarefa do colega (na Educação Infantil as mesinhas de estudo costumam ser compartilhadas por várias crianças). Estes e tantos outros exemplos evidenciam que a criança começa a se afastar da possibilidade de construção do sentido de grupo e, conseqüentemente, da construção de relações solidárias no acesso ao conhecimento no ambiente escolar.

A individualização dos processos escolares (ainda que com sua apresentação coletiva), a forma como cada criança organiza ou não seus materiais, como traz ou não os materiais para a escola vão contribuir para inseri-las em dois importantes movimentos de adaptação ao Ensino Fundamental: a apropriação da cultura escolar e a construção da “cultura de pares”, relações que as crianças estabelecem entre si, fundada nos “pequenos nada” do dia a dia escolar a exemplo da troca de merendas, de materiais, de brinquedos e pela colaboração na realização conjunta de atividades, ainda que esta não tenha sido autorizada pelo(a) professor(a).

Mais uma vez, a busca escolar pela construção da identidade de “aluno” estará pautada em impor às crianças a lógica da simultaneidade e da homogeneidade. O uso dos espaços e, principalmente, do tempo, na busca incessante para que todos façam juntos, no mesmo ritmo e da mesma forma uma mesma atividade é sua maior evidência da operação em





curso. Outras evidências presentes no cotidiano podem ser representadas pelas situações advindas da segmentação e desarticulação dos componentes curriculares; do uso limitado da lousa e do caderno; da rotina definida, na maioria das vezes, unicamente pelos professores; de uma agenda escolar pré-definida mais pelo olhar e pelas expectativas dos adultos; pela forma de se mostrar presente ao responder à chamada escolar, focando mais a confirmação de sua presença do que a sua importância; pela predominância do tempo passado no interior da sala de aula; pela utilização excessiva de filas para entrar, para alimentar-se e para ir embora como única forma de organização; pela excessiva necessidade de permissão do adulto à criança para a sua livre circulação pelos espaços escolares; pela necessidade de controlar por mais tempo o corpo na posição sentado para a escrita; pelo autocontrole exigido enquanto se espera o outro terminar a tarefa; a própria presença da tarefa com tempo e forma delimitada. A própria identidade sonora da escola de Ensino Fundamental é outra, através do uso dos tempos contados em geral na forma de “antes e depois da lição” e dos espaços escolares muitas vezes trancados, não permitindo o livre acesso.

O uso do tempo aplicado e trabalhado na lógica da homogeneização da sala de aula contribui e estrutura o *ser aluno* na “forma escolar”. Os dispositivos escolares com seus tempos dados pela “forma escolar” ensinam a “criança-aluno” que é necessário aprender a dominar o desejo e descobrir formas de desenvolver a vontade para que navegue – na segurança da disciplina escolar – em uma nova rotina cultural guiada e pautada pela lógica do simultâneo e do homogêneo. Enfim, uma rotina escolar que, assim como a forma como se constrói o ser criança, vai construindo o *ser aluno*.

No limbo entre a **identidade de criança** que se tem e de “aluno” que se forma, a criança-aluno brinca, joga, simboliza a realidade, subvertendo com suas práticas as lógicas adultas e transgredindo-as com seus jogos simbólicos. Um exemplo dessa transgressão ocorre quando a criança brinca embaixo ou sobre a mesa de trabalho, valendo-se dos seus objetos pessoais como lápis, borrachas e estojos, numa clara atitude de brincar quando tem desejo, independente da permissão do professor.

Aos poucos, no entanto, o fazer cotidiano de estar na escola vai invertendo as palavras e, a partir da “forma escolar”, a identidade do aluno-criança vai ganhando força e se estabelecendo. A identidade do “aluno” começa a ganhar forma e ser estabelecida através do modo como a escola organiza seus espaços (tanto internos como externos à sala de aula) e seus conteúdos simbólicos, ou seja, como constrói e executa regras, como organiza os processos de comunicação, entre outros dispositivos escolares.

O *ser aluno* (muitas vezes estabelecido sob o discurso de “ser estudante”) convive nos espaços das salas de aula, pátios, corredores e demais espaços escolares revelando a construção cultural de um determinado recorte de tempo, de um recorte de vida. É fato que adultos e crianças, no espaço da escola de Ensino Fundamental, vivenciam uma relação assimétrica. O adulto tem mais vivência, em muitas situações sabe mais e tem o





dever de ensinar e de favorecer a socialização da criança para que ela compreenda e se aproprie de um mundo que já existe, especialmente se quiser transformá-lo em algo melhor. O que se revela, no entanto, é que muitas vezes essa assimetria torna-se negativa porque é vivida como poder de um sobre o outro, a serviço da “forma escolar” este modo de estar na escola, onde se espera que todos façam o mesmo e ao mesmo tempo.

A forma como a escola organiza seus dispositivos termina também, por produzir um tipo *sui generis* de vivenciar a infância. Os adultos da escola e, notadamente, o professor, com sua identidade também moldada pelos tempos, espaços e representações de um “ser professor”, exerce um papel fundamental na produção da identidade do aluno, uma vez que a atividade docente está diretamente vinculada à formação da identidade do aluno. O professor ou a professora é um adulto que opera a tarefa de inserir o “aluno” no universo de conhecimento sistematizado no qual a escola deve trabalhar. Na formação da identidade do aluno-criança, as miudezas do cotidiano pedagógico – na “forma escolar” – ganham significado e compõem o todo desta **nova identidade**. A visão que a criança construirá de si como um sujeito pleno e capaz será uma decorrência de como concebemos sua infância e, conseqüentemente, das oportunidades que lhe forem ofertadas. Entretanto, há evidências que esse fazer escolar permanece como um desafio a ser superado para a maioria dos sistemas escolares. Nesse sentido, as Metodologias de Êxito e as Práticas Educativas do Modelo da Escola da Escolha consideram o papel imprescindível dos adultos, em especial dos professores, na vida das crianças e têm na Pedagogia da Presença e na Educação Interdimensional, duas das suas âncoras mais fundamentais para apoiar a sua prática pedagógica.

SOBRE SER ALUNO A UM MODO DE SE FAZER ESTUDANTE: O SUJEITO DA AÇÃO EDUCATIVA

Caminhar no sentido de abandonar a estrada que leva à **construção da identidade de “aluno”** (aquele que não tem luz), para a **construção da identidade de estudante** pede que se assuma diante da criança uma atitude de cumplicidade atenta, atribuindo valor à sua existência no cotidiano escolar. Como já descrito, a escola é um espaço de produção e de vivência da identidade da criança e do adulto que nela interagem. Em meio a inúmeras vivências sociais cotidianas, da mesma forma que o fazer da escola cunha uma forma de ser aluno, este também pode transformá-la.

Ter a criança e suas circunstâncias como centro do processo pedagógico, valendo-se dos dispositivos escolares de forma a promover a criação de espaços para o seu protagonismo, faz com que se atue fora da chamada “forma escolar”, tal como concebe o Modelo da Escola da Escolha. **O desafio desta construção começa por conceber a criança**



como um ser do presente, um sujeito do tempo atual e não como alguém que só virá a ser a partir daquilo que construirá no futuro, como se já não fosse alguém no tempo presente. Por exemplo, ver os sonhos das crianças desenhados e comunicados para toda a comunidade escolar, mostra-se uma contribuição significativa para que cada adulto compreenda como cada criança interpreta e compõe seu mundo oferecendo, ao menos, pistas de como podemos avançar nesta direção.

De certa forma, organizar os dispositivos escolares de modo que a criança possa gerenciar a vivência de sua infância, assim como ouvi-la no que tem a dizer sobre seu próprio processo de escolarização, ainda pode ser considerado um desafio cotidiano do espaço escolar. Vencê-lo pede que se operem as práticas escolares fora da lógica do simultâneo e do homogêneo. Abrir espaço para a vivência do protagonismo na escola pode ser tido como uma contribuição à significação da infância e suas peculiaridades, um caminho para se sair da identidade de “aluno” na busca por produzir a identidade de estudante.

Torna-se necessário que as práticas escolares – por meio de suas metodologias de trabalho – criem condições para a escuta das falas das crianças em detrimento de sua regência por parte do adulto. Compreender como as crianças interagem e agem na escola e como elas podem contribuir para que o espaço da escola seja, efetivamente, o espaço de todos e não só dos adultos, deve compor o repertório de observação cotidiana do professor e de todos os educadores. **Na Escola da Escolha essa prática é profundamente alterada em virtude das bases que compõem as suas metodologias e práticas educativas.**

A produção da identidade de estudante se faz pautada na organização de uma dinâmica escolar que promova a autonomia, a liberdade, o exercício da solidariedade e o desenvolvimento de competências necessárias ao trânsito da criança nos seus dias de infância. Daí a importância de se investigar e se atentar às relações de poder e aos usos que se faz dos dispositivos escolares cotidianamente.

De muitas formas, encontramos no cotidiano escolar situações que nos levam a refletir sobre vários caminhos para a construção de uma outra forma de relacionamento e interação entre crianças e adultos que podem ser identificadas na formação dos grupos de trabalho, pela forma como as crianças são chamadas, como são mediados os conflitos, como é tratado o desempenho escolar das crianças, entre outros.

Refletir sobre estas situações pode criar condições para se perceber como a **produção das identidades** (de estudante e de professor/educador) é movimentada, por exemplo, no sentimento de pertencimento que as crianças têm em relação ao espaço e à dinâmica escolar. Neste sentido, a produção da identidade está também vinculada ao fazer escolar cotidiano.



Questões do Cotidiano Escolar para Reflexão

- Quem forma os grupos de trabalho na sala de aula e na escola: somente os adultos? Quando e por que os grupos são formados pelos adultos? Quando e por que os grupos são formados pelas crianças? Quais são os critérios utilizados em ambos os casos? Os critérios são de conhecimento de todos?
- Como as crianças são ouvidas para os trabalhos em grupo de modo a se contemplar as aprendizagens do ser, o conviver, o fazer e o aprender? Como o/a professor/a movimenta, intencionalmente, estes elementos?
- Como são posicionadas as crianças na sala de aula e/ou nas atividades pedagógicas? A partir de quais critérios? Quem estabelece esses critérios? De que forma?
- Como são “permitidas” as movimentações das crianças na sala de aula e na escola?
- Que sentimentos as crianças demonstram vivenciar quando abordadas por seus professores? E por outros professores? E por outras pessoas da dinâmica escolar?
- Qual o papel do comportamento das crianças na rotina da sala de aula?
- Como se dá o planejamento das aulas e seu desenvolvimento? De que modo as crianças são consideradas nestes dois importantes momentos pedagógicos? Há algum nível de participação?
- Como se dá o relacionamento professor-criança na vivência de sua infância?
- Como a escola coloca a família da criança a par de sua vida pedagógica e escolar?
- Quais são os elementos da rotina? Quem os escolhe? Como se organizam? Quem os organiza?
- Há conflitos na sala de aula (entre as crianças, e entre elas e os educadores)? Como são resolvidos? Como as vozes de adultos e crianças têm espaço e são respeitadas?
- Que conceitos educadores e crianças têm sobre o espaço e a dinâmica escolar no qual estão inseridos?
- Como se percebem e se movimentam as identidades de resistência e de dominação vivenciadas pelas crianças? Como estas identidades são reconhecidas no cotidiano escolar?
- Como são valorizadas as características pessoais de cada sujeito do contexto de



ensino e de aprendizagem, considerando também os adultos?

- São propostas, nos espaços de aprendizagem da escola, situações que possibilitem que cada criança reconheça suas singularidades e interaja com outras crianças, percebendo-se como alguém inteiro, numa relação de respeito e aceitação do/com o outro?
- Como são propostas as situações didáticas na sala de aula? Os valores que transversam conhecimento são apresentados para as crianças?
- Como o modo de agir e de pensar da criança é considerado na sua construção de conhecimento?
- Como a história de cada sujeito aprendente é considerada no dia a dia da sala de aula?
- Os desempenhos escolares são comparados entre as crianças de uma turma e correlacionados com a estrutura e dinâmica de suas famílias?
- A escola propõe momentos de interação dos mais novos com os mais velhos? Com que frequência? Com quais objetivos? Que atividades são desenvolvidas nestes momentos?
- Como as crianças são chamadas: por seus nomes? Apelidos pessoais? Apelidos dados pela escola? Pelos respectivos números na lista de chamada?
- Como o brincar e o letramento se encontram na escola?
- O que as crianças entendem por participação ativa?
- O que as famílias entendem por participação ativa das crianças?
- O que os adultos da escola entendem por participação ativa das crianças?
- Há espaço para a participação ativa das crianças? De que forma se dá essa participação?
- Como os adultos interpretam o local da escola a partir dos diálogos das crianças?
- Quais estratégias são usadas para se compreender o interesse e o nível de participação das crianças no cotidiano do trabalho pedagógico?
- Há preocupação em construir a história do grupo de crianças? A que serve essa produção?





Trabalhar **a construção da identidade de estudante** vai pedir reflexão não só sobre quem aprende, mas também sobre quem ensina. Isto porque é através da presença do outro — via modelos sobre como nos movimentamos no mundo — que a criança forma um repertório que lhe permite, por exemplo, ter condições de identificar gostos, preferências, testar possibilidades, reconhecer limites, constituir-se único em meio a tantos outros únicos com os quais convive no universo escolar. Durante boa parte da vida da criança é o professor quem ocupa este papel no espaço escolar. A forma como este exercita a Pedagogia da Presença na sua relação com a criança será fundamental, se não constituinte, na produção da identidade do estudante. Para tanto, os dispositivos escolares necessitam ser (re)pensados de modo a quebrar a lógica da simultaneidade e da homogeneidade. Repensar o espaço e reformular o tempo são fundamentais na perspectiva do Modelo da Escola da Escolha.

Nesta direção, a concepção da sala de aula como unidade única precisa ceder espaço para a consideração de variados espaços de aprendizagem que observem, por exemplo, as respostas às questões aqui apresentadas, para orquestrar quais conteúdos do currículo e para quem ensinar determinado percurso curricular num determinado tempo. Trata-se de propor arranjos internos no espaço da sala de aula que considerem as crianças como parte de sua própria organização e dinâmica. Regras de funcionamento e contratos de convivência são construídos e executados com a plena participação das crianças e respeitadas por todos na escola; e isso em muito contribuirá para a formação do ser pró-social como veremos no **Caderno de Formação - Eixos Formativos**. Envolvê-las no dia a dia da sala de aula e da escola como um todo ajudará que exercitem, a partir de um contexto real de significação, habilidades como compromisso, motivação, empatia e interesse, envolvendo-as como parte da solução de possíveis problemas ou desafios que a turma, um estudante ou mesmo toda a escola, enfrente.

A busca por romper com a imposição da “forma escolar” solicitará que as atividades sejam planejadas diversificadamente, e assim novas dinâmicas e metodologias se fazem necessárias. Novos arranjos com relação ao uso e posicionamento dos mobiliários; novas formas de se “decorar” a sala de aula que considerem ser criança sem infantilizar a infância. Novas posturas e outros domínios corporais são necessários tanto aos adultos como às crianças, possibilitando que os valores e as competências necessárias para atuar no século XXI sejam conhecidas e exercitadas no dia a dia, possibilitando que o fazer, o aprender, o conviver e o ser, tomem sentido prático no âmbito da sala de aula e da escola como um todo. O investimento é em práticas pedagógicas direcionadas aos estudantes e suas peculiaridades, em detrimento de práticas pedagógicas frontais e diretivas. Mais uma vez, é importante dizer que o estudante é o centro do processo educativo.

Ter a criança como o centro do processo educativo pedirá que a escola partilhe com o pequeno estudante saberes que antes eram de domínio somente do professor, como por exemplo, o que será trabalhado ao longo do ano letivo, como será o processo de avaliação



da aprendizagem (e todos os seus porquês), o que o professor estudou para ensinar e o que é interessante que o estudante estude para além da sala de aula. O “pano de fundo” do fazer pedagógico deixa de ser somente dos adultos e, numa relação de transparência e publicização, torna-se um compromisso verdadeiramente coletivo.

Este compromisso vai pedir, por sua vez, que o tempo – não só o dos ensinamentos dos saberes, mas também os da aprendizagem destes – sejam redimensionados e organizados por todos aqueles que fazem a escola. Aprender a organizar, a planejar, a agendar e pôr em prática conhecimentos relativos ao domínio do tempo, para que cada um possa ser quem é, torna-se uma prática efetiva de adultos e de crianças no espaço escolar.

A quebra da lógica da simultaneidade e da homogeneidade, os novos usos atribuídos aos dispositivos escolares, a consideração da criança como centro dos processos pedagógicos estão alinhados a uma perspectiva que caracteriza o Modelo da Escola da Escolha desde a sua concepção, quando foi rompida uma série de paradigmas para introduzir o protagonismo como princípio educativo e eleito o estudante e a elaboração do seu Projeto de Vida como a centralidade do projeto escolar. Assegurar esses elementos contribuirá para a formação de um estudante autônomo, solidário e competente em seu percurso escolar que, neste momento da escolarização, estará apenas começando.



Na Escola, é preciso...

- ✓ Que a Equipe Escolar esteja sempre atenta e a serviço do desenvolvimento das crianças. Isso significa que ela deve investir na compreensão e, de maneira permanente, promover o seu pleno desenvolvimento em todas as dimensões na busca de caminhos para a vivência de uma infância protagonista;
- ✓ Refletir sobre como criar as condições para que a produção da identidade de estudante seja mobilizada por meio do pertencimento que as crianças têm em relação ao espaço e à dinâmica escolar;
- ✓ Estar aberto e disposto a criar novas dinâmicas e formas de trabalhar com os espaços, tempos, mobiliários, equipamentos e posturas.



Sociedade



Iniciaremos aqui uma reflexão sobre o conceito de sociedade tratado no Modelo da Escola da Escola. Essa reflexão não é restrita a uma perspectiva dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas uma leitura muito mais ampliada.

O Homem é um ser gregário por natureza. Sua capacidade de sobrevivência, diferente dos outros animais, não está na força, na capacidade de se mimetizar ou nas garras. O ser humano carece da inteligência e do grupo social para se adaptar às condições de vida. Nasce com capacidades latentes, providas pelo desenvolvimento da espécie, mas que só se manifestam e atualizam na convivência com seus pares.

Quando vem ao mundo, é imerso em uma cultura pronta, em que as pessoas interagem sob determinados costumes, regras, valores. A interação e a imitação são procedimentos fundamentais para viver na sociedade da qual faz parte. Dessa forma, cada sujeito é fortemente marcado pelos ensinamentos e pressões exercidos durante o processo de socialização. O ser humano vive em constante conflito na construção da identidade: pertencer ao grupo, pela identificação, tornar-se único, pela individuação.

No entanto, a sociedade é construída pelos próprios seres que forma, em uma relação dialética em que o indivíduo é, ao mesmo tempo, formado e formador. Para a análise de qualquer sociedade, é preciso se tomar os contextos sociais como parâmetro.

Atualmente, nenhuma sociedade está isenta da influência de outras, ao contrário do que ocorreria no passado quando essa influência era determinada, sobretudo, pela potência bélica no domínio de um grupo por outro.



O conceito de sociedade no Modelo da Escola da Escolha firma-se na crença de que esta sociedade se reestruturará por meio da atuação em equipe de todos os envolvidos no âmbito da escola (considerar para tanto as Premissas do Modelo da Escola da Escolha), de forma interligada (a exemplo de outros campos que circundam o fazer-se estudante, como, saúde, serviço social, economia, entre outros), garantindo que todos os estudantes possam ser atendidos em suas potencialidades e eventuais necessidades. O direito à educação de todos pressupõe e inicia-se com a crença que a sociedade é lugar de todos. Para tanto, faz-se necessário que a educação inclusiva, como componente do sistema educativo, não fique restrita aos muros da escola. Sociedade e escola, escola e sociedade giram na busca e no fortalecimento de uma cultura que verdadeiramente respeite o princípio da Declaração Universal dos Direitos do Homem e que zela pela educação como direito de todos os indivíduos. Este compromisso pede uma sociedade que entenda que a educação é um processo que acontece ao longo da vida, inclusive para a pessoa com deficiência.

Ao olhar para a sociedade brasileira, seu desenvolvimento tecnológico e suas expectativas de crescimento, pode-se observar o quanto das conquistas e anseios se aproximam dos modelos de outras nações. A escola, como entidade social, passa, então, a lidar com uma realidade desafiadora sob o ponto de vista da multiplicidade dos sujeitos que compõem seu cenário.

Mudanças são possíveis?

Zygmunt Bauman usa o termo “sozinhos na multidão” (condição da vida atrelada à ideia de sucesso imediato causado pelo consumo de bens cada vez mais descartáveis), para analisar a situação comum de se estar **ao lado dos outros, mas não com os outros**. A ilusão de que consumir pode tornar as pessoas mais felizes faz com que muitas pessoas dediquem grande parte de seu tempo para garantir a propriedade de bens para si ou sua família. A convivência se tornou fato incomum, mesmo nos ambientes de trabalho nos quais as pessoas passam muitas horas do dia, pois as situações profissionais estão mais mediadas pela tecnologia do que pelas relações interpessoais. Bauman afirma que a educação pode traçar um novo caminho para a sociedade ao fomentar a resistência e o espírito crítico, enfatizando que **é pela escola que se deve recomeçar**.





Considerando as afirmações do sociólogo, um projeto de escola que provoque transformações nas relações entre as pessoas, necessariamente promove o desenvolvimento das dimensões humanas de autonomia, solidariedade, da empatia, do espírito colaborativo e corresponsável em todos os seus educandos, independente de quaisquer características pessoais ou sociais. Trata-se do estabelecimento de uma escola inclusiva, cujo objetivo é colocar os educadores no papel de facilitadores da aprendizagem, capazes de orientar os educandos a se envolverem ativamente como protagonistas na sua própria educação, descobrindo e utilizando seus estilos de aprendizagem, desenvolvendo suas competências e habilidades para aplicar aquilo que aprendem, a adquirir e produzir conhecimentos, a lidar com informações e com pessoas, a resolver problemas porque se reconhecem capazes de ser parte da solução. Deseja-se que educadores e educandos construam uma escola capaz de criar um clima colaborativo e de respeito mútuo diante da diversidade humana e das diferenças individuais.

Trata-se de uma escola que rompe com a ideia de criar um produto padrão, um educando único, como aquele preconizado na “forma escolar”, indo muito além da concepção de ser um espaço de transmissão de conhecimentos. Currículo, metodologias, formas de avaliar devem ser repensadas na direção da construção de **uma nova forma de se fazer educador e educando**.



Na Escola, é preciso...

- ✓ De maneira permanente, refletir sobre o papel dos educadores como facilitadores da aprendizagem dos estudantes diante de múltiplas realidades;
- ✓ Considerar como imprescindível, que a escola seja um lugar onde todos se respeitem mutuamente, colaborem e convivam fraternalmente.





Escola e Currículo

A função socializadora da escola

Os indivíduos têm seu processo inicial de socialização no convívio com a família, em cujo contexto começam a receber os primeiros ensinamentos sobre como as relações interpessoais e as instituições sociais funcionam, de acordo com regras e valores do grupo familiar restrito, mas que em sua base, refletem regras e valores que perpassam o ambiente social mais amplo. No entanto, a socialização é estendida e prolongada pela mediação que ocorre nas instituições escolares, responsáveis não apenas pelos conteúdos conceituais, mas também pela formação integral de todos os indivíduos.

De acordo com Lino de Macedo, a escola deve assumir três compromissos básicos:



CIENTÍFICO: transmissão do conhecimento socialmente produzido, por meio do ensino de fatos, conceitos e princípios;



FILOSÓFICO: promoção dos aspectos que complementam os indivíduos como seres humanos e que dão razão e sentido ao conhecimento científico, por meio do ensino de normas, atitudes e valores;



ARTICULAÇÃO DOS DOIS ANTERIORES: objetivos, resultados e meios para alcançá-los, por intermédio do ensino de procedimentos e habilidades.

Saber ser, saber conviver e saber fazer são aprendizagens que se constroem por meio de situações pedagógicas que têm, explícita e implicitamente, essa finalidade. **O desenvolvimento do Protagonismo é uma delas.** Ser protagonista é ser capaz de se colocar como sujeito construtor do seu Projeto de Vida e de se ver como parte da solução de problemas reais, de não ser indiferente a eles, mas de atuar como elemento que contribui para a sua solução.

O Protagonismo não evolui espontaneamente como um processo natural. Os crianças carecem de orientação e de oportunidades durante a vida, desde os anos iniciais. Para que desenvolvam sua potencialidade, é preciso que a escola promova condições de tempo e espaço para que as crianças tomem, progressivamente, consciência dos próprios



processos de aprendizagem, de seus recursos internos, da capacidade de tomar decisões para si e para o bem comum.

Do ponto de vista da dinâmica escolar, isso significa criar um ambiente socialmente solidário para todos. Do ponto de vista da aprendizagem, esses compromissos se relacionam diretamente com as aprendizagens dos Quatro Pilares da Educação: Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser, conforme apresentado no **Caderno de Formação - Princípios Educativos**. As aprendizagens não se restringem apenas à transmissão dos conteúdos, mas implicam na reconstrução de todos os conteúdos pelos educandos de acordo com seus conhecimentos prévios, suas capacidades cognitivas, suas experiências e na sua capacidade de aplicar em suas vidas o que aprenderam.

Trata-se de ter o espaço escolar como favorecedor de processos inclusivos, que se veja como parte construtora de uma sociedade que atue de modo a acolher todas as pessoas independente das diferenças individuais. Para buscar a maior plenitude humana é necessário valorizar cada um de seus membros (Sasaki, 2005).

A criação de uma Escola que seja verdadeiramente um lugar para todos necessita da disponibilidade de vários atores da sociedade. Dessa maneira, este espaço poderá lidar com a gama da diversidade que compõe sua ambiência, como pontuado no tópico anterior “Conceito de Sociedade”. O aprofundamento deste conceito considerando a diversidade humana é apresentado no **Caderno de Formação - Educação Inclusiva**.

O domínio dos conteúdos conceituais não é suficiente para garantir a formação integral, cujas dimensões preveem a autonomia, a solidariedade e a competência. Para se ter autonomia é necessário que o sujeito tenha interesse de conhecer o mundo, a fim de poder analisar a realidade e tomar decisões com base na investigação de seu cotidiano e dos valores construídos em seu meio social. Mas, ter autonomia acarreta solidariedade, já que a autonomia só acontece na relação com o outro (Aprender a Ser). Ser solidário é ser capaz de se descentrar, de ter o outro presente nas decisões e de ter consciência de que o desejo individual não pode se sobrepor ao bem-estar da coletividade (Aprender a Conviver). Por sua vez, ser competente requer que o sujeito tenha conhecimento, seja capaz de discernir o que é favorável à integridade de todos e de cada um dos que dela participam (Aprender a Aprender e Aprender a Fazer).



Assim, torna-se óbvio que o domínio dos conhecimentos básicos das ciências não basta à formação do sujeito. Autonomia, solidariedade e competência são condições fundamentais para a construção, o desenvolvimento e a realização do Projeto de Vida. A função socializadora da escola transcende os conteúdos formais das ciências, pois está a serviço de uma visão do tipo de sociedade e de pessoa que se pretende formar.

A concepção de currículo

A Escola da Escolha, cujo foco é a formação integral do educando para construção do seu Projeto de Vida, integra três eixos: Formação Acadêmica de Excelência, Formação para Vida e Formação para o Desenvolvimento das Competências do Século XXI. Sem predominância de uma sobre a outra, juntas elas devem prover as condições necessárias para que o educando atue em sua vida de forma autônoma, solidária e competente.



Assim, longe de ser apenas um rol de componentes curriculares, **o currículo funciona como um elo entre a teoria educacional e a prática pedagógica**. Estabelece a relação entre as competências de aprendizagem e as competências de ensino, com a finalidade de integrar indivíduo e sociedade. Nessa perspectiva, extrapola o espaço da sala de aula, e até mesmo da escola, em busca de ambientes educacionais flexíveis, que contribuam com o processo de ensinar e de aprender de todos os educandos, e que dessa maneira realize a missão projetada no Plano de Ação da escola.

O Modelo da Escola da Escolha cria novos paradigmas para a educação pública brasileira, porque ancora-se numa pedagogia eficaz, associada à gestão, para gerar resultados verificáveis e sustentáveis.



Alinhada a essa perspectiva, o currículo é articulado por meio da Base Nacional Comum Curricular e sua Parte Diversificada, considerando as diretrizes e parâmetros nacionais e locais, por meio de metodologias, estratégias e as práticas educativas inovadoras concebidas pelo ICE, fundamentadas na diversificação e enriquecimento necessários para apoiar o estudante na elaboração do seu Projeto de Vida: essência do Modelo e no qual reside toda a centralidade do currículo desenvolvido. Para essa diversificação e enriquecimento, são introduzidas inovações em conteúdo (o que ensinar enquanto aquilo que tem sentido e valor), método (como ensinar) e gestão (condução dos processos de ensino e de aprendizagem tratando do conhecimento a serviço da vida), suas respectivas metodologias de êxito – para reorientar a prática pedagógica – e os seus respectivos processos educativos, assegurando que a escola possa formar um jovem **autônomo, solidário e competente**.

Essa é a dimensão na qual o currículo na Escola da Escolha deverá atuar. Para tanto, ele deve ser:

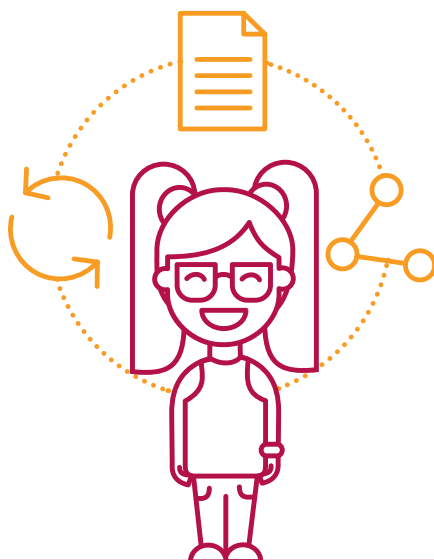
- Contemporâneo, suficientemente amplo e flexível;
- Sequencialmente estruturado, organizado e equilibrado;
- Integrador das experiências, oportunidades e atividades de forma contínua, consistente e coerente para permitir ao educando perseguir-las continuamente por meio de uma dinâmica processual e estrategicamente organizada;
- Organizado em torno de um eixo cujos conhecimentos, valores, atitudes e habilidades façam sentido na formação de uma criança, adolescente ou jovem autônomo, solidário e competente;
- Formulado de maneira que pressuponha e requeira a participação ativa dos educandos em diversas etapas do seu desenvolvimento promovendo ações de autêntico **Protagonismo**;
- Uma referência epistemológica que leva a uma abordagem e a uma investigação de problemas que vão além dos recortes dos componentes curriculares e que ajudam a compreender o mundo na sua complexidade;
- Uma matriz a partir da qual o professor atuará não apenas transmitindo conhecimentos, informações, dados e ideias aos educandos, mas estará comprometido em provocar neles a capacidade de pensamento reflexivo, investigativo, curioso, em que o desejo de aprender se revele uma constante para todos.



Dessa forma, conteúdos são selecionados e aprendidos para que se construa a competência acadêmica, necessária a qualquer atuação consciente, seja no âmbito pessoal, no social ou no produtivo. O conhecimento permite a ampliação das possibilidades de análise das situações e, conseqüentemente, das possibilidades de escolha. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental esses elementos são trabalhados na perspectiva do continuum da formação do estudante.

A Parte Diversificada do Currículo da Escola da Escolha, descrita nos **Cadernos de Formação - Metodologias de Êxito e Rotinas e Práticas Educativas**, compõe a tecedura do fazer pedagógico. Ela não é um elemento à parte ou complementar ao currículo. Ela É currículo. A construção do **Projeto de Vida**, para a qual confluem todas as ações do Modelo, requer que os conteúdos trabalhados sejam significativos desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, não só do ponto de vista do sujeito que aprende, mas especialmente do ponto de vista das expectativas e das necessidades da sociedade.

A oferta de **Eletivas, das Práticas Educativas e das Práticas e Vivências em Protagonismo** no currículo permite ao estudante observar suas preferências e tendências, experimentá-las e descobrir-se em um processo que a médio prazo apoia o desenvolvimento da sua capacidade de escolha. A criança, o adolescente e o jovem são pessoas em pleno desenvolvimento, cuja curiosidade necessita conhecer e experimentar para compreender o mundo em que estão inseridos. A possibilidade de vivenciar escolhas, concluir se foram adequadas ou não, e responder por elas, favorece o processo de autorregulação e o do Aprender a Aprender.



AS QUESTÕES DO CURRÍCULO

Tendo em vista as fontes que orientam a elaboração do currículo e as ações concretas que precisam ser definidas, Coll propõe que o currículo responda às seguintes questões:

O QUE ENSINAR?

Coll enfatiza que o currículo deve partir da seleção de quais aspectos do crescimento pessoal do educando a educação escolar tratará de promover.

Se a função primordial da escola é contribuir para a formação integral do educando, ou seja, o crescimento pessoal em todos os seus aspectos – cognitivo, social, moral, corporal, afetivo – a decisão sobre o que ensinar precisa considerar conteúdos de diferentes ordens.

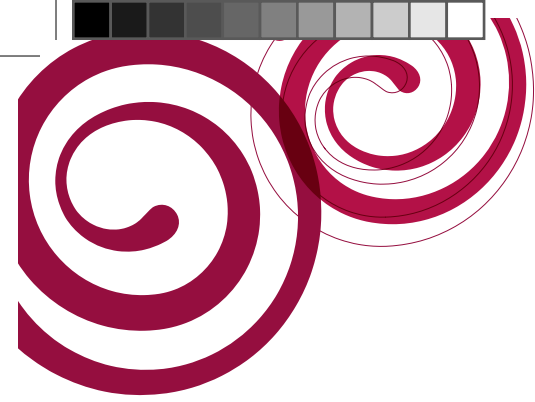
A visão de homem e de sociedade é o ponto de partida e o de chegada de qualquer projeto pedagógico. Esse ideário de sociedade estabelece os objetivos, os conteúdos, as formas de ação e de avaliação.

A intenção de que a escola seja um meio para o desenvolvimento de recursos internos que favoreçam a construção de um Projeto de Vida é um guia para o planejamento de ações e atividades que promovam o desenvolvimento da autonomia, que, por sua vez, só é possível na relação com o outro. Desse modo, ser autônomo, intelectual e moralmente, implica necessariamente em ser solidário, cooperativo e ativo. Não há como esperar que os educandos se desenvolvam nesses aspectos se a escola não permite a participação, a autoavaliação, a tomada de decisões, a tomada de consciência dos procedimentos para a aprendizagem e a iniciativa de buscar respostas e confrontá-las com outras possíveis.

QUANDO ENSINAR?

O currículo deve prever como organizar e ordenar temporalmente as intenções educativas, a fim de estabelecer boas sequências de aprendizagem.

Coll afirma que após o estabelecimento dos objetivos gerais de cada área do conhecimento, é preciso analisar quais aprendizagens específicas favorecem a aquisição das capacidades estipuladas pelos objetivos gerais. Para isso é preciso considerar as condições de aprendizagem dos educandos em consonância com as singularidades de cada área de conhecimento. É necessário também que haja a garantia de continuidade e progressão dos conteúdos dentro de um mesmo ano, de um ano para outro, dentro de cada segmento e/ou entre os diferentes segmentos da escolarização, a depender de como os sistemas de educação se organizam e se estruturam.



Ele alerta que os conteúdos das disciplinas não podem ser considerados unicamente como meios de se atingir as intenções educativas. As intenções são alcançadas quando objetivos gerais e conteúdos formam um conjunto, no qual as relações estabelecidas são de interdependência entre os dois aspectos.

COMO ENSINAR?

Os conceitos de **Protagonismo e Projeto de Vida** se referem à formação de um sujeito ativo, capaz de tomar decisões e fazer escolhas embasadas no conhecimento, na reflexão, na consideração de si próprio e do coletivo. Essa formação depende de uma ação pedagógica constante, que permita ao educando o desenvolvimento de habilidades e competências que vão muito além da memorização ou do treinamento de respostas corretas.

Uma metodologia que cumpra com essas exigências se compromete com a proposição de situações didáticas em que os educandos sejam desafiados a refletir, a elaborar hipóteses, a buscar soluções e a validar as respostas encontradas.

As capacidades cognitivas características de cada etapa de desenvolvimento, os conhecimentos que os educandos já têm construídos por meio de suas experiências escolares e extraescolares, além dos conceitos, procedimentos e valores, são a base para qualquer intervenção pedagógica. Em uma metodologia que procura analisar os conhecimentos prévios, as diferenças individuais se tornam visíveis ao educador. Ele precisa conhecer os patamares de cada sujeito e estabelecer a mediação para que todos avancem em relação ao que já sabem.

Uma concepção fundamental é a de que o conhecimento não é adquirido como uma “fotografia” ou cópia exata do que foi ensinado. A compreensão é possível se o sujeito reelabora as informações transmitidas e as relações estabelecidas entre elas. O conhecimento existe nas ciências, nas artes, nas experiências da humanidade, mas precisa ser ressignificado por quem aprende para que seja compreendido, valorizando a concepção de que não há uma única forma de se aprender e de se elaborar a percepção do mundo. Um exemplo simples disso é a diferença entre entender uma multiplicação e a memorização da tabuada. Se o educando compreende os conceitos da multiplicação, poderá encontrar soluções pela utilização de suas próprias estratégias, caso tenha se esquecido de algum resultado da tabuada. Entretanto, se ele apenas tiver memorizado a tabuada, não conseguirá recorrer a estratégias pessoais para resolver uma situação/problema.





O QUE, QUANDO E COMO AVALIAR?



Avaliação é um procedimento fundamental para acompanhar o desenvolvimento de qualquer projeto. Para saber se as intenções educativas propostas na formulação do currículo estão sendo atingidas, é essencial que o próprio currículo contenha as formas de avaliar antes, durante e após todo processo percorrido.

O ato de avaliar vai muito além da atribuição de notas ou conceitos ao desempenho dos educandos. Ele perpassa a necessidade de pensar novas formas de avaliação para atender a todos os educandos, inclusive as especificidades daqueles que têm alguma deficiência.

Nesse contexto, cabe a discussão sobre uma leitura ampliada do conceito de currículo e, por consequência, de avaliação, considerando a presença de estudantes com deficiência, conforme apresentado no **Caderno de Formação - Educação Inclusiva**.

Numa concepção mais tradicional de educação, o processo de avaliar assume um caráter mais pontual (com datas estanques e pré-definidas) para que se investigue “quem aprendeu e quem não aprendeu”. Numa perspectiva mais inclusiva, a avaliação ganha outra dimensão: torna-se processual, contínua ao processo de ensino e de aprendizagem. Inúmeras fontes podem ser utilizadas para compor a leitura do desenvolvimento do educando na escola e fornecem pistas para corrigir as estratégias, tanto de ensino como de aprendizagem. Nesta perspectiva, a avaliação atua para manter o educando em sua turma com respeito aos processos individuais de aprendizagem de cada um.

Avaliar deve ser uma ação de questionamento da escola sobre o que ela deve fazer para atender da melhor forma possível cada um de seus educandos. Há três modalidades de avaliação que respondem à necessidade de acompanhamento do projeto pedagógico: inicial, formativa e somativa.

A **avaliação inicial** permite ao professor conhecer o que seus educandos já sabem com a finalidade de planejamento das intervenções pedagógicas.

A **avaliação formativa** remete ao processo de aprendizagem e favorece as decisões quanto à ajuda pedagógica necessária para que as expectativas de aprendizagem sejam alcançadas.

A **avaliação somativa** verifica até que ponto as intenções educativas foram favorecidas pelas intervenções e mede o grau de êxito ou de fracasso do processo educacional.

O tema avaliação da aprendizagem é apresentado no **Caderno de Formação - Gestão do Ensino e da Aprendizagem**. É o tema basilar do currículo porque a aprendizagem é o principal alvo da escola e a avaliação deita-se no coração deste processo. Ainda neste Caderno, é apresentado o modelo de Conselho de Classe concebido para a Escola da Escolha, fundamentado nos Princípios Educativos e orientados pelos Eixos Formativos.



Educação

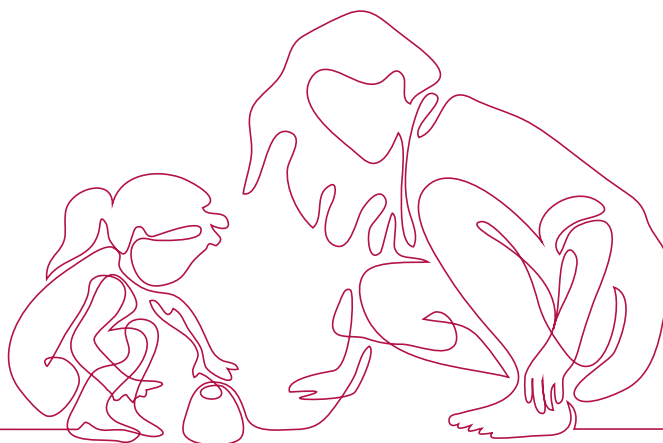
“Exercício de uma influência construtiva e deliberada de um ser humano sobre outro ser humano”.

Antonio Carlos Gomes da Costa

Todo processo civilizatório, ou seja, a inserção das pessoas na sociedade de forma que interajam de acordo com seus princípios, regras e valores, requer educação mediada pelas instituições sociais.

A primeira delas é a família, âmbito em que a criança começa a vivenciar e aprender como seu grupo social se organiza e como as relações interpessoais acontecem. Dali se originam e são construídos valores sociais e morais que permanecerão ativos por toda vida. Crenças, valores, princípios morais, hábitos e relações são fortemente marcados como resultado dessa interação. O desenvolvimento da autonomia, consonância entre as necessidades de pertencimento e de diferenciação individual, ou da heteronomia, a dissociação entre o pertencimento e a diferenciação individual, têm a semente posta no âmbito familiar.

O conceito de autonomia implica o de solidariedade, pois ser autônomo é levar o outro em consideração e tomar decisões que beneficiem a coletividade, acima dos desejos individuais que podem comprometer o bem comum.





A construção da **autonomia** só pode ser favorecida pela escola quando os educandos vivenciam situações em que suas escolhas e decisões sejam experimentadas, situações que o ajudem a construir estratégias de autoavaliação e autorregulação, a ser sujeito em seu processo de aprendizagem e não estar apenas “sujeito a” determinações externas. O incentivo e a vivência da cooperação nas relações entre adultos, entre adultos e crianças/jovens e entre crianças/jovens e seus pares permitem o estabelecimento de vínculos afetivos e racionais que tendem ao ser solidário.

Por outro lado, o incentivo à competição, em particular à competição individual, sem o devido ensinamento de que o outro é tão parte do todo como a própria pessoa, será um fator importante de manutenção dos moldes de funcionamento da sociedade atual.

Tanto autonomia como solidariedade são reflexos da construção do espírito moral e da responsabilidade sobre si e sobre a coletividade. Nenhum deles pode ser transmitido apenas pela palavra ou pelo constrangimento. A ética é apreendida muito mais pelas ações observadas do que por falas ou aulas destinadas especificamente a essa finalidade. Se os adultos a pregam, mas não a praticam, a tendência é de que haja um esvaziamento do discurso. Muito se tem debruçado sobre o ensino da ética nas escolas, mas isso requer, antes, a devida reflexão de que as ações éticas são em essência a grande fonte de ensinamento.

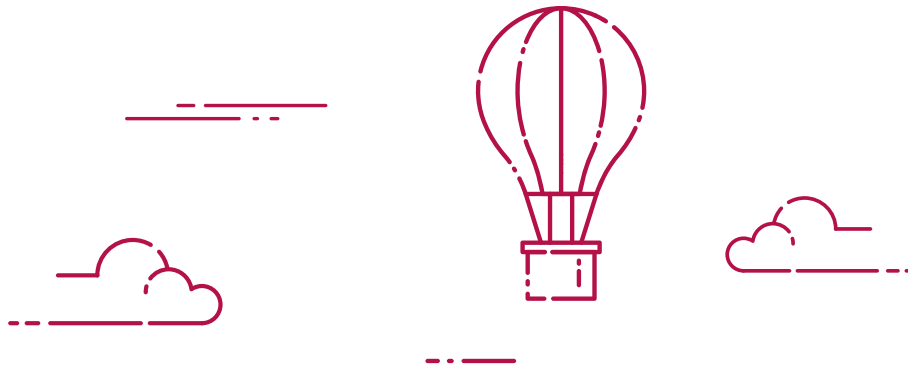
Da mesma forma, a responsabilidade se aprende pelos modelos observados. Responsabilidade inclui consciência dos direitos e dos deveres individuais e coletivos. Ter a responsabilidade sobre os próprios atos, como sobre a garantia do bem coletivo, só pode se constituir a partir de vivências que demonstram como se faz isso.

Relações de cooperação, em que as pessoas trabalhem em conjunto, tomem decisões coletivas, contribuam umas com as outras com o que têm de melhor, que respeitem as diferenças e procurem o consenso pela maioria, desde que traga benefícios coletivos, são a melhor metodologia para a apreensão do que significa cooperação e solidariedade.



**Uma premissa essencial ao Modelo que traduz
as relações de cooperação é a da corresponsabilidade.
Na esfera da convivência e da construção
da sociedade, todos são corresponsáveis pela
forma como as relações acontecem, sejam
elas pessoais, institucionais, políticas ou sociais.**





A educação tem sua continuidade na escola. A responsabilidade de socialização é estendida à outra instituição social, que apresenta uma parte mais ampla da sociedade. O contato com pessoas que não são os familiares, e com as regras, princípios e valores que formam a cultura do ambiente escolar, suscitam novos comportamentos, expectativas e relacionamentos, que ampliam os conhecimentos desenvolvidos até então, e deverão fornecer ao estudante o desenvolvimento de suas potencialidades.

A educação escolar, como direito de todos e concebida como processo ao longo da vida, é um ato inclusivo para todas as crianças, adolescentes e jovens, é corresponsável pela formação do ser e tem como obrigatoriedade legal (Constituição Federal e LDB) promover o pleno desenvolvimento do educando. Mas, o que significa pleno desenvolvimento? O que faz uma pessoa ser formada em sua plenitude?

Formar para a plenitude humana significa assegurar as condições e as oportunidades para que a pessoa desenvolva as potencialidades que trouxe consigo ao vir ao mundo. É aquilo que ainda não é, mas que traz em si a condição para se tornar, desde que tenha a oportunidade para se desenvolver, conforme apresentado no **Caderno de Formação - Princípios Educativos**.



Para saber mais sobre o Paradigma do Desenvolvimento Humano:

Rede de Laboratórios Acadêmicos para Acompanhamento do Desenvolvimento dos Objetivos do Milênio | <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pn000001.pdf> - Acessado em 3/10/2017

MACHADO, J.G.R. A ONU e o desenvolvimento econômico: uma interpretação das bases teóricas da atuação do PNUD. Em <http://www.scielo.br/pdf/ecos/v17n1/a03v17n1.pdf> - Acessado em 3/10/2017





Aqui nos referenciamos ao **Paradigma do Desenvolvimento Humano**, um dos três documentos-base utilizados na concepção do Modelo da Escola da Escolha em virtude do seu alinhamento político e conceitual. O documento apresenta 10 pontos e abaixo destacamos 3, para enriquecer e ampliar a reflexão. São eles:

- **A convicção de que todas as pessoas nascem com um potencial e têm o direito de desenvolvê-lo;**
- **A afirmação de que, para desenvolver o seu potencial, as pessoas precisam de oportunidades;**
- **A percepção de que aquilo que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez.**

Na perspectiva do **Paradigma do Desenvolvimento Humano**, adotada no Modelo da Escola da Escolha, a educação em geral - familiar, escolar ou em outras instituições – deve incluir e promover a compreensão da totalidade, para que estas cumpram, de fato, a responsabilidade que lhes cabe: dentro de seus limites, **favorecer o pleno desenvolvimento do educando.**



Na Escola, é preciso...



Estimular os estudantes e assegurar que todos tenham as mesmas oportunidades para se envolverem como protagonistas do desenvolvimento de suas potencialidades.





Caro Educador!

Aqui encerramos o **Caderno de Formação Memória e Conceção do Modelo - Conceitos**. Esperamos que ele tenha apoiado a sua trajetória na apropriação dos conhecimentos teóricos essenciais para dar suporte à sua atuação na Escola da Escolha. Considere, sempre, que essa leitura deve ter sido uma entre muitas a serem realizadas, e que os estudos em torno do Modelo para assegurar o seu pleno domínio demanda método, dedicação e associação com outros dispositivos, a exemplo dos estudos tanto individual quanto coletivos, reflexão acerca da própria prática pedagógica realizada e sua efetividade e a ampliação do acervo de referências tanto teóricas quanto práticas a serem incorporadas no processo formativo que agora se inicia na sua trajetória como educador de uma Escola da Escolha.

As referências bibliográficas utilizadas na concepção desse Caderno e recomendadas para os seus estudos podem ser encontradas no Caderno Conceção do Modelo da Escola da Escolha.



